

TÓPOS ALEGÓRICO - LUGARES AMORFOS^I

ALLEGORICAL TOPOI - AMORPHOUS PLACES

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i1.53048>

Jade Oliveira Chaia

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/6256651921407653>

<https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>

jade_joc@hotmail.com

Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília com período sanduíche na École Normale Supérieure - PSL (Paris). Mestra em Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (2020/2022). Graduada no curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021/2024). Graduada no curso de Bacharelado em Filosofia pela Universidade de Brasília (2016/2021 - período de interrupção 2019/2020). Bolsista Capes.

^I Este artigo foi financiado pelo Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (DPG/UnB), conforme seleção realizada via edital DPG n. 0011/2023.

RESUMO

A presente proposta parte do tema da alegoria e da paisagem, em especial, a partir da análise benjaminiana sobre a alegoria e o drama trágico. É na alegoria que está impresso como um selo os elementos do lugar histórico, sem que necessariamente espelhem a sociedade; é o elemento constitutivo de como se compreende o mundo. É esse conteúdo histórico que está implicado na noção de paisagem. Uma paisagem que passa a ser apropriada pela alegoria. A paisagem seria uma forma de ordenação, limitação e aproximação da linguagem apreendida, de maneira a dar a ela maior proximidade com o mundo real. A natureza nessa relação é imediata e inexperenciável, é meramente passagem mediada e suprimida. Nessa perspectiva, o objetivo é analisar a noção de paisagem como sendo um construto de uma demanda do ser humano, mas para tal, é preciso, igualmente, articular a noção de alegoria, de modo a articular conceitualmente esses dois elementos chaves. Uma espécie de ordenamento do mundo condicionada a um elemento engana olho; um quadro de visão que recorta a natureza e põe em perspectiva em um quadro mental construído. Uma paisagem elaborada.

Palavras-chave: Alegoria. Paisagem. Walter Benjamin.

ABSTRACT

The present proposal is based on the theme of allegory and landscape, particularly through the Benjaminian analysis of allegory and tragic drama. It is within allegory that the elements of historical place are inscribed like a seal, without necessarily reflecting society; it constitutes the way in which the world is understood. It is this historical content that is implicated in the notion of landscape. A landscape that becomes appropriated by allegory. The landscape would be a form of ordering, limiting, and approaching the language apprehended, in a way that brings it closer to the real world. Nature, in this relationship, is immediate and unexperienced, merely a mediated and suppressed passage. In this perspective, the aim is to analyze the notion of landscape as a construct arising from human demand, but for this, it is also necessary to articulate the notion of allegory, in order to conceptually connect these two key elements. A kind of ordering of the world conditioned by an optical illusion; a visual frame that cuts out nature and places it in perspective within a constructed mental picture. An elaborated landscape..

Keywords: Allegory. Landscape. Walter Benjamin.

Há pouco mais de três anos enfrentávamos o início de um ciclo de significativas mudanças. Novas realidades espaciais transformaram a (con) vivência de cada um de nós. O território vivido já não é mais o mesmo, os modos de experimentar a realidade [ou mesmo a virtualidade] estão / são diferentes. A cidade passa a figurar como uma máquina dialógica, em que numa construção emblemática do representar permite a intersecção entre imagem e discurso, põe em movimento vivências, experiências e conceitos que nos parecem naturais, comuns.

Convenções sociais, discursivas e visuais, coexistem nesse local e ao mesmo tempo se enraízam no corpo coletivo como sintomas do assombro. Signos que perpassam o tecido social e sua relação com o espaço. Os lugares que antes eram espaços de representação, de identidade, de experiência, de interação, pela emergência do plural, passaram a ser inabitados. O não-lugar passa a tomar conta nesta nova realidade.

Na realidade concreta do mundo hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. [...] Lugares e não lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. [...] O vocabulário, aqui, é essencial, pois tece a trama dos hábitos, educa o olhar, informa a paisagem (Augé, 2020, p. 98-99).

Tempo e espaço já não possuem o mesmo significado, são meras abstrações. O experimentar da história vivida se reduz a uma zona neutra, a uma mera passagem (*cf.* Benjamin, *Passagens*, 2018). A cidade se torna, por assim dizer, um espaço de diferentes dimensões. E são nessas dimensões que os contornos do cotidiano e as experiências do mosaico do viver juntos se moldam a partir da estrutura do ambiente da própria cidade. A construção político-social-econômica dessa estrutura permitiu uma espacialidade volátil, espaços ocupados cuja interação limita-se simplesmente a transgressão do viver junto. Um viver junto que supostamente deveria (com)partilhar, mas que na verdade é atravessado pelas